

## NOSSO CÉU

FLUSSER, V. Pós-História, São Paulo: Livraria Duas Cidades

A revolução copernicana modificou a experiência religiosa. Deslocou a Terra do centro do universo, e destarte aboliu os céus que até lá encobriam e protegiam a humanidade. Astronomizou, e portanto des-religionizou os céus. E criou outro céu religioso: um céu que não mais está “em cima”, mas “no além”. Esta é a razão porque as viagens espaciais não terão impacto religioso. A não ser que consigamos incorporar a experiência segundo a qual os termos “alto” e “baixo” têm significação restrita a corpos, e passam a ser insignificantes no espaço vazio. Se conseguirmos absorver a relatividade do significado de tais termos, teremos relativizado também o significado de termos derivados, como seja “infernai” e “sublime”. O que não deixará de ter impacto sobre a vivência religiosa.

A astronomia não mais se opõe à religião, como o fez no renascimento. Como não mais se opõe a ela ciência alguma da natureza. A contenda em torno do darwinismo foi a última desse tipo. A razão é que os termos “fé” e “saber” mudaram de significado. Fé não mais significa “crença” mas confiança. E saber não mais significa possuir informação indubitável, mas informação merecedora de confiança. Os problemas da fé não mais são do tipo: “será verdade isto?”, mas do tipo: “posso confiar nisto?”. E as proposições da ciência, essa nossa fonte de saber preferencial, não mais pretendem ser indubitáveis. Pelo contrário se o são, não são tidas por científicas. Tais proposições pretendem ser merecedoras de confiança, precisamente por serem “falseáveis”. Isto implica que fé e saber não mais ocupam posições conflitivas na nossa consciência: ocupam posições complementares. Temos fé na ciência, e aceitamos que a experiência da fé seja uma das fontes do conhecimento. Tal complementariedade é, no entanto, perigosa tanto para as religiões como para as ciências: as duas se relativizam mutuamente. As duas se diluem, estão ambas em crise. Tanto fé como saber periclitam: crise da confiança.

Exemplo: quando estou deitado em minha cama, “sei” que a cama é enxame de partículas que flutuam em espaço vazio. Não obstante confio na solidez da cama. Tal confiança minha na solidez do mundo objetivo que me cerca não é, no entanto, anticientífica: pelo contrário, torna possível que a ciência funcione. O saber das estruturas atômicas não mina minha confiança na solidez dos objetos, mas mina, isto sim, minha confiança nas proposições da ciência, as quais projetam universo oco, portanto existencialmente inacessível. Simultaneamente tais proposições minam minha confiança no discurso das religiões, o qual projeta universo sólido. Destarte a complementariedade atual de fé e saber escava a confiança em ambos.

Pessoas religiosas podem objetar que o exemplo escolhido diz respeito a uma vaga confiança, mas não à fé religiosa. Para tais pessoas a fé religiosa precisamente não é confiança no mundo dos objetos, mas em fundamento transcendente que ultrapassa o mundo dos objetos. A fé religiosa seria precisamente perfuração do mundo objetivo rumo ao transcendente. Tal objeção seria erro. Há, por certo, experiência religiosa que perfura destarte o mundo dos objetos e o revela “aparência enganadora” que encobre a “realidade”. Mas tais experiências não são características da religiosidade do Ocidente. A nossa religiosidade, ao perfurar o mundo dos objetos, o revela “real”, no sentido de “obra Divina”. A transcendência revelada pela religiosidade ocidental é espaço que sustenta o mundo objetivo, e aumenta a confiança nele. Permite espaço para o conhecimento e a manipulação do mundo objetivo. É o espaço dentro do qual são feitas “teorias”, e a partir do qual “técnicas” são aplicadas ao mundo dos objetos. De modo que a fé ocidental implica confiança na solidez do mundo objetivo. Tal confiança faz parte da fé do Ocidente. Deste ponto de vista não há crise da fé no Ocidente: todos, a não ser que

estejamos loucos, nutrimos confiança na solidez dos objetos. E se a complementariedade atual entre fé e saber vai escavando a nossa confiança em geral, isto é sintoma de quanto religião e ciência repousam sobre o mesmo fundamento. Não somos nem pré-socráticos, nem budistas, e não podemos sê-lo.

Mas num ponto as pessoas religiosas têm razão: a fé religiosa não é apenas confiança na solidez dos objetos. É ela também, e sobretudo, confiança no outro homem, e em si próprio. No Ocidente “Deus” é o método para amar o outro como a si mesmo. A experiência religiosa ocidental revela Deus no rosto humano. Com efeito: é esta a única imagem que temos de deus: o homem é Sua imagem. Amar Deus sobre todas as coisas significa precisamente amar o outro e amar a si mesmo. Não há outro método para amar Deus, nem outro método para superar as coisas. De modo que a experiência religiosa ocidental implica a confiança nos objetos, e, além disto, a confiança no homem enquanto imagem de Deus. E, agora sim, somos obrigados a constatar crise da fé: a confiança no homem se tornou atualmente impossível.

Poderia pensar-se que tal perda de confiança no homem é resultado das antropologias científicas, por exemplo do freudismo, que revelam ser o homem ente não merecedor de confiança. Portanto pensar-se e conflito entre ciência e fé, apesar de tudo. Mas isto seria erro. Tais antropologias não são a causa, mas um dos efeitos, da crise de confiança. A causa da perda de confiança no homem não é nosso saber a respeito dele, mas nossa experiência concreta com ele, com os outros e com nós próprios. As experiências acumuladas nas gerações anteriores à nossa, e na nossa própria, demonstram, fora de dúvida possível, que o homem não merece confiança. Que seria loucura confiar-se nele.

“Deus morreu”, não porque sabemos atualmente mais que outras gerações, as porque O matamos pelos atos que cometemos. Nossos avós, nossos pais e nós mesmos cometemos atos, dos quais Auschwitz é o protótipo, e os quais são provas inconfundíveis que seria loucura querer amar o outro. Atos que provam que o homem é objeto de manipulação e de conhecimento. Na medida em que a manipulação técnica do homem passa a ser rotina, passa a ser insinceridade total querer reconhecer no homem a imagem de Deus. Atualmente seria ainda loucura não se Ter confiança nos objetos, mas já é loucura ter-se confiança no homem. Esta é a morte de Deus, a verdadeira crise da religiosidade. E portanto a crise de tudo aquilo que brota de tal religiosidade: da cultura do Ocidente.

Não se trata, portanto, de oposição entre fé e saber, mas de crise de confiança no homem, inclusive no saber humano. Os pressupostos da ciência (a sua “teoria de conhecimento” implícita), merecem tão pouca confiança quanto os dogmas das religiões estabelecidas. Ambos são “inacreditáveis”. Mas no caso dos dogmas está acontecendo o seguinte: quanto menos acreditáveis, tanto mais bem-vindos se tornam para certas camadas da sociedade. Isto é: para aqueles que se dão conta quão difícil é viver-se sem confiança no outro e sem autoconfiança. Tais pessoas estão dispostas a sacrificarem a “razão”, a fim de reconquistarem a confiança. Quanto mais inacreditáveis os dogmas, tanto maior o sacrifício da “razão”, e portanto mais “válida” a volta para as igrejas e sinagogas. Trata-se de “reconquistar a fé”, reconquistar a confiança, e entrar na fé pela porta de fundos.

Ultimamente pode ser observado fenômeno semelhante no que toca aos pressupostos da ciência. Sua pretensa “isenção de valores”, sua pretensa objetividade, tornaram-se inacreditáveis, e numerosos cientistas estão dispostos a sacrificarem seu “senso crítico”, a fim de salvarem o conhecimento objetivo. Procuram preservar a confiança no saber científico por atitude religiosa. A ciência está atualmente em fase de religiozização, está passando a ser uma entre as religiões

estabelecidas. A crise atual da religiosidade, da confiança, está envolvendo a ciência como as demais religiões estabelecidas.

Vista superficialmente, a situação religiosa atual se apresenta complexa. Determinada elite procura “reconquistar a fé”, a fim de reconquistar a confiança no homem. Outros membros da elite procuram, pelo menos, reconquistar a confiança no saber científico. E a grande maioria sofre a decadência da confiança de maneira passiva e a meio inconsciente, e executa os gestos da confiança nas religiões e na ciência de forma ritual, já que para isto está programada pela cultura da massa. Mas, vista mais de perto, a situação religiosa atual é sumamente simples. A confiança no homem, portanto em Deus, e na transcendência “objetificante” está se tornando insustentável. Deus morreu, e a religiosidade ocidental, o chão que pisamos, está se tornando oca.

Isto explica as tentativas de numerosos indivíduos para evadirem-se da nossa cultura e procurarem se salvar em territórios exóticos, e muitas vezes fantásticos, em “seitas”. São atos de desespero. Porque não se trata, na crise de confiança atual, de dúvida quanto à “dignidade ontológica”, do homem, como se não estivéssemos certo se o homem é ou não é imagem de Deus. Trata-se de certeza: o homem é objeto manipulável. Pois a fé pode perfeitamente viver com dúvida, e, com efeito, pode ser sustentado que não pode viver sem ela. Mas a certeza mata a fé, porque certeza é desespero. De modo que nenhuma estratégia, nem a da evasão, pode salvar a fé atualmente.

Exemplo preferencial de como a certeza mata a fé é fornecido pela crise da ciência na atualidade. A ciência pode ser considerada como dúvida metódica, de forma que a confiança nos seus enunciados incorpora a dúvida como elemento essencial. Mas quando surge a certeza de que o conhecimento científico é “impossível” (por exemplo: que não atinge a vivência concreta), quando surge o ceticismo, a confiança na ciência cessa. O desespero do ceticismo acaba com a confiança na ciência, como o desespero do homem acaba com a fé religiosa. Prova adicional o quanto a ciência não passa de uma entre as religiões atualmente em crise. O nosso desespero quanto ao homem, a nossa certeza quanto a ele, está matando Deus, isto é: todas as formas de confiança.

O que resta são atos de desespero. Tentativas de evadir-se rumo ao nada. Em tal sentido o céu das religiões e o espaço da Astronáutica são, finalmente, o mesmo abismo. Precipitamo-nos rumo à “transcendência: como nos precipitamos rumo ao espaço interplanetário, a fim de escaparmos ao abismo que se abriu debaixo do chão que pisamos. E como os conceitos “alto” e “baixo”, e seus derivados “sublime” e “infernai”, passaram a Ter significado relativo, é indiferente se julgarmos ser essa nossa precipitação “sublimação” ou “alienação derradeira”. É indiferente se nossos atos atuais são interpretados como “progresso” ou como “decadência”.

Em certo sentido podemos afirmar ser a nossa época novamente “católica” como o foi na contra-reforma. Somos “católicos” no sentido de existir atualmente consenso comum (kat holos), consciente ou inconsciente, quanto à posição ontológica do homem. É ele ente sem fundamento, e ente objetivável. Em tal consenso se abriga determinada religiosidade negativa, o espelho da religiosidade do Ocidente. Ao contrário dos nossos pais ingenuamente ateus somos novamente profundamente religiosos, embora o sejamos perversamente. Mas é questionável se tal nossa experiência religiosa profunda é consolo.